

As dificuldades lingüístico-culturais de universitários em intercâmbio pelo *Ciência sem Fronteiras*: comparações entre perspectivas brasileiras e estrangeiras.

Ana Cecília Fernandez dos Santos¹, Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes²

1. Estudante de IC da Universidade Federal de São Carlos (Departamento de Letras); *fernandeza.cecilia@gmail.com

2. Pesquisador do Depto. de Letras, DL, UFSCar, São Carlos/SP

Palavras Chave: *Língua Inglesa, Dificuldades, Intercâmbio.*

Introdução

A presente pesquisa surgiu a partir da investigação das dificuldades lingüístico-culturais de cinco graduandos de uma universidade federal do interior do estado de São Paulo que participaram do programa de intercâmbio *Ciência sem Fronteiras*. Esses alunos, com idades entre 19 e 22 anos, foram selecionados aleatoriamente para participar desta pesquisa. Entretanto, em um determinado momento, decidimos analisar e comparar as perspectivas dessas dificuldades a partir da ótica do estrangeiro. Com isso, este trabalho pretende apresentar essas diferentes percepções comparando-as para uma melhor compreensão das dificuldades encontradas por esses alunos no exterior no tocante à Língua Inglesa e à Cultura. O presente trabalho obedece às normas e foi aprovado pelo Comitê de ética (parecer n° 355.991).

Resultados e Discussão

A coleta de dados desta pesquisa, que é de natureza qualitativa (SELIGER; SHOHAMY, 1989) e exploratória (GONSALVES, 2001), deu-se a partir da triangulação dos mesmos, obtidos dos seguintes instrumentos: um questionário com perguntas abertas e fechadas para levantar o perfil linguístico dos participantes brasileiros; e três entrevistas orais. A primeira entrevista era semi-estruturada (ANDRÉ; LUDKE, 1986), pois procuramos fazer com que os alunos expusessem livremente seus relatos de experiência no exterior para assim, posteriormente, tabular as informações obtidas e realizar outra entrevista, desta vez estruturada, para perguntar informações mais pontuais levantadas por um ou mais participantes. A terceira entrevista foi realizada com dois estrangeiros, colegas de dois dos cinco participantes da pesquisa, sobre o desenvolvimento e envolvimento lingüístico-cultural dos brasileiros. Esses participantes receberam os pseudônimos de Paulo e Enrique. Paulo era aluno de Engenharia da Computação e foi para Melbourne, na Austrália. Enrique era da Engenharia de Produção e foi para Auburn, nos Estados Unidos. A partir dessas respostas procuramos por Nick, amigo de Enrique, e por Raj, amigo de Paulo. Nick nasceu no Peru e se mudou para os Estados Unidos quando ainda tinha 11 anos de idade. Apesar da primeira língua de Nick ser espanhol, ele se adaptou e desenvolveu bem rápido a Língua Inglesa, segundo ele, o que pode ser justificado pela teoria do Inatismo (FIGUEIREDO, 1997). Ademais, Nick também passou pela experiência de aquisição da Língua Inglesa, de maneira que, sua perspectiva contribuiu muito para relacionar suas dificuldades com as de Enrique. Segundo Nick, as dificuldades de Enrique eram: em menor escala, a ordem das palavras, o vocabulário desconhecido e o uso da gramática (dentro de uma conversa, por exemplo); utilizar estruturas mais complexas em sua fala; e a pronúncia de palavras com /o/, /u/ e /s/, além de palavras e sentenças que eram enfatizadas erroneamente. Enrique, entretanto, não considerou a pronúncia como uma dificuldade dele, o que revela, provavelmente, que ele não

estava atento a esse aspecto em sua fala e, por isso, não o monitorava (KRASHEN, 1982). Outro aspecto interessante é o de que Nick apontou a fala como outra dificuldade ressonante de Enrique pelas questões apontadas a cima. Em contrapartida, Enrique considerou a compreensão auditiva como uma grande dificuldade. Com relação à Raj, o amigo de Paulo, ele nasceu na Austrália, mas morou duas vezes nos Estados Unidos (um total de treze anos), tendo passado seis anos na Austrália. Sua primeira língua é o Inglês e sua segunda língua é o Kannada, uma das línguas indianas falada por seus pais. Para Raj, Paulo teve dificuldade com: a compreensão auditiva (mais especificamente com expressões comuns do cotidiano, o que podemos relacionar com o que disse o brasileiro ao apontar as gírias, a informalidade e a oralidade como suas principais dificuldades); a entonação; e a ordem das palavras dentro de uma frase (por exemplo: ao invés de colocar o adjetivo na frente de um substantivo, ele invertia, em certos momentos). Ainda segundo o australiano, Paulo cometia mais erros na Língua Inglesa quando estava cansado.

Conclusões

Tanto Nick quanto Raj apontaram que os brasileiros traduziam suas falas do Português para o Inglês até atingirem certa proficiência, o que aconteceu mais para o final do intercâmbio de um ano. Entretanto, ao voltarem para o Brasil, Raj apontou que os aspectos acima apontados retornaram, mostrando novamente uma grande influência do Português na produção tanto escrita quanto oral em Inglês. Além disso, podemos relacionar algumas das dificuldades dos brasileiros com as apontadas pelos estrangeiros, como, por exemplo, o fato de Enrique não acompanhar muito bem uma conversa (dificuldade apontada por ele), o que interferia na sua comunicação (dificuldade apontada por Nick).

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao PIBIC/CNPq pelo financiamento; à UFSCar por acreditar na potencialidade dos seus graduandos; em especial, à minha orientadora Rita Barbirato e à minha família e colegas pelo suporte excepcional durante todo esse tempo.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. Editora EPU (Grupo Gen), 1986.

FIGUEIREDO, Francisco J. Q. de. **Da 1ª à 2ª Língua**: Algumas Teorias Linguísticas. In: _____. **Aprendendo com os erros**: Uma perspectiva comunicativa de ENSINO DE LÍNGUAS. Goiânia: Cegraf: Editora da UFG, 1997. P. 15 – 42.

GONSALVES, Elisa P. *Iniciação à Pesquisa Científica*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001. 80 p.

KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Germany Pr, 1982. 212 p.

SELIGER, Herbert W.; SHOHAMY, Elana G. *Research design: qualitative and descriptive research*. In: _____. **Second language research methods**. Oxford: Oxford University Press, 1989. 270 p.